

Adolescente abandonado

31 MAR 1998



O ensino médio brasileiro não passa de ano nem colando. É de chorar

tão matriculados. Não consta que integrasse o time dos perguntadores nenhum representante da mocidade estudantil da Favela Naval ou ajuntamento do gênero, que faz curso profissionalizante em escola pública noturna e trabalha de motoboy durante o dia. Pois bem, só vindo para crer a desordem de idéias, o tatibitate e a batalha inglória com o idioma em que atolava a fina

flor da juventude paulistana ao tentar encostar o presidente na parede. Sílvio Santos faria um favor ao País se desse de presente vídeos do programa às escolas de seus convidados e aos pais que preenchem os cheques que as sustentam.

Mas o que tem de tão excepcional o ensino médio? O seguinte: pondo num prato da balança a agenda curricular de que deve dar conta e, no outro, os resultados que produz – ou seja, o que tem a ensinar e o que os alunos efetivamente aprendem –, a escola de segundo grau é com toda a probabilidade ainda pior do que o curso que a antecede e do que aquele que a sucede. O primeiro existe para transmitir o que os educadores chamam “habilidades básicas” – ler, escrever, fazer contas, entrar em contato com História, Geografia, Ciências e por aí. O outro existe para formar a elite profissional e cultural do País, além de realimentar o próprio sistema de educação com novos professores, pesquisadores e cientistas. Nem o ensino

fundamental nem o superior, como se sabe, são exatamente motivos de orgulho nacional, para dizer as coisas com a delicadeza eufêmica mais apropriada a um ministro do que a um jornalista.

Mesmo assim – e até porque vem sendo em boa hora tratada com os cuidados a que faz jus como “a prioridade das prioridades” da política educacional –, devagarzinho a escola básica está deixando de ser uma linha de montagem de repetentes e fugitivos, tão analfabetos (e mais frustrados) ao sair como entraram. Para começo de conversa, aos trancos e barrancos o sistema já consegue pôr para dentro da sala de aula nove em dez crianças de 7 a 14 anos, com a promessa de beirar os 100% na virada do século. E, apesar do Himalaia de insuficiências com que convivem seus 33 milhões de alunos, o espécime típico dessa população tem hoje mais chance de ir adiante nos estudos do que em qualquer outra época. Entre 1994 e 1997, as matrículas no ensino médio aumentaram quase 30%. Prova de que um número cada vez maior de crianças está conseguindo percorrer até o fim os oito anos da escola fundamental.

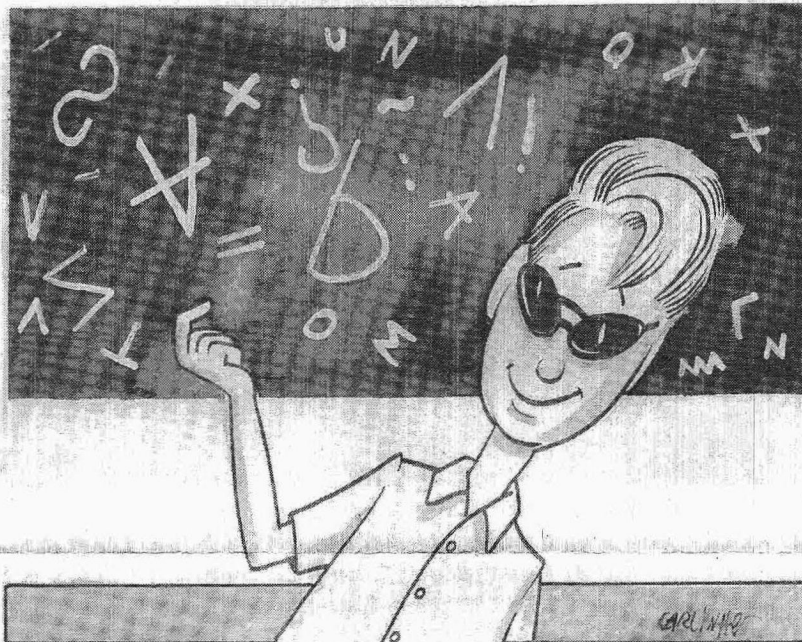
Na outra ponta, o ensino superior – um universo de quase 1,7 milhão de estudantes, 5,6 mil cursos, 156 mil professores e 900 faculdades – produz principalmente exércitos de portadores de canudos a quem uma pessoa de bom senso deveria pensar duas vezes antes de confiar seus direitos, sua saúde e seu teto – para citar apenas as mais conhecidas áreas da população nacional de “doutores”. Isso não é uma caricatura: são de arrepiar os cabelos as notas individuais obtidas até por formandos das es-

colas que mereceram conceitos A e B nos dois provões já realizados até agora. (A propósito, conceito A quer dizer apenas que o curso que o recebeu é menos ruim do que os que tiraram B, e assim por diante. O provão fixa determinadas cotas de conceitos A, B, C, D e E.) O que a universidade com certeza proporciona é uma espécie de qualificação indireta, uma abertura de horizontes, ou, como dizem os especialistas, um currículo oculto, capaz de mudar o destino de uma pessoa.

Assim, o jovem graduado em Direito que não passa nem a pau no exame da Ordem, pelo mero fato de ter cursado uma faculdade tende a ser capaz de fazer outras coisas com alguns graus a mais de competência. Ele acabará arranjando um nicho na vida, embora longe dos tribunais, que lhe permita sobreviver e, quem sabe, prosperar. Para o País o benefício talvez não compense o custo. Com 3% de toda a população estudantil, o ensino superior abocanha 39% dos recursos oficiais destinados à educação. Mas o ponto aqui é outro: assim como acontece com o ensino fundamental, em termos do que dele se pede e do que ele dá, também a escola superior consegue ser melhor que o nível médio, não obstante o preparo abaixo da crítica de tantos de seus privilegiados frequentadores.

O ensino médio é o que é por um chorrilho de razões. Porque herda todas as mazelas do primário. Porque muitos de seus 326 mil professores ganham e sabem pouco – 13% deles nem faculdade fizeram. E porque, espremido entre a prioridade do primário e o prestígio da faculdade, o antigo colegial, com seus 5,5 milhões de alunos e 15 mil escolas, virou um adolescente abandonado – 87% dos colégios públicos são estaduais, mas os Estados não podem cuidar direito dessa rede porque as resistências políticas e corporativas atrasam a municipalização dos cursos de primeiro grau, que tanto os absorvem.

De cada três jovens que chegam ao ensino médio, dois vão acabar se formando. Para os padrões brasileiros, até que seria um belo resultado, se esses dois fossem capazes de ingressar numa boa faculdade sem fazer cursinho ou entrar direto no mercado de trabalho pela porta certa – ou, ainda, fazer ao presidente da República uma pergunta que o embarace porque tem pés e cabeça.



Sofrível é bondade sua, ministro Paulo Renato. O ensino médio brasileiro não passa de ano nem colando. Ou que outra coisa honesta se pode dizer com base na avaliação de seus formandos? Em 1997, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais submeteu 430 mil estudantes do terceiro colegial, em nove Estados, a uma sabatina sobre seis matérias. As 30 questões em cada caso foram feitas sob medida para os conhecimentos esperados de quem está na escola há pelo menos 11 anos. Dias atrás saíram os resultados de Português e Matemática. É um vexame: em média, os alunos acertaram 11 das 30 questões no primeiro caso e 8 no segundo. Dito de outro modo, um teste com mais de um terço dos jovens que concluíam o segundo grau – portanto, uma amostra para ninguém botar defeito – revela que, numa escala de 0 a 10, 3,6 é a nota média em Português e 2,6, em Matemática. Se isso é “sofrível”, ruim o que haverá de ser?

Quem discorda do lugar-comum de que os números não mentem jamais talvez devesse recorrer à experiência de todos os dias para ver que, neste caso, eles contam a verdade sem tirar nem pôr. Há pouco mais de uma semana, o presidente Fernando Henrique foi entrevistado por adolescentes reunidos no auditório do *Programa Livre*, do SBT. O programa virou notícia porque o presidente saiu dos trilhos: exaltou-se a ponto de ser rude com um dos moços, disse o que não devia e fez com que a entrevista terminasse antes da hora. Por esse desempenho incomum ele bem que merecia uma advertência, mas essa é outra história. Mil vezes mais grave, por ser a ponta visível de um problema mil vezes mais importante, foi o desempenho – infelizmente, nada incomum – dos estudantes.

Ouvi-los falar meia hora é tudo o que se precisa para saber que o ensino médio no Brasil é de chorar. Diga-se desde logo de quem se está tratando: os jovens em questão fazem parte do seleto estrato de patricios habitados a fazer três refeições completas por dia, cujas famílias podem pagar os caros e presumivelmente bons colégios em que es-